

Capítulo 1

PETRÓPOLIS - Ano 1980

A infância

OLIVER

O Hotel Normando era único em toda a América do Sul. Um palácio. Concebido para ser o maior cassino da América latina, ele ficava nos arredores de Petrópolis, cidade serrana do estado do Rio de Janeiro. Mais de trezentos quartos de todos os tipos e tamanhos em cima dos luxuosos salões de jogos e um térreo onde o bom gosto digno de realeza era a regra. Ariela não era filha, mas era como se fosse. Criada pelo casal dono do Hotel, junto com os dois filhos gêmeos deles, ela era tratada como parte da família. Ela agora brinca com Oliver, os dois têm a mesma idade, nove anos. Correm pelos corredores imensos, recheados de mármore e ébano do Hotel Normando em disparada para as escadas que levariam ao primeiro pavimento do estacionamento. Ali, num pequeno cômodo que servia para guardar suas bugigangas, estavam os objetos de consumo mais desejados por eles, suas bicicletas. No meio do caminho, quando já desciam as escadas ouviram algo estranho. Um gemido. Pararam. Ficaram em silêncio. O

gemido virou um grito curto. O som vinha do próximo vão da escada. Curiosos, os dois meninos avançaram com cuidado. Ela faz um sinal a ele apontando a tampa do escorregador de lixo. Os dois já conheciam todo o enorme Palácio como a palma de suas mãos. Uma vez brincaram ali, rindo histericamente, escorregando pelos tubos que levam o lixo do Hotel a quatro imensos depósitos móveis que servem como lixeiras. A tubulação era grande e tinha duas entradas nas escadas, uma em cada pavimento do estacionamento. Eles entraram numa das entradas com cuidado para não fazer nenhum barulho, escorregaram lentamente até a segunda entrada. Abriram uma fresta na tampa da segunda entrada abaixo de onde eles entraram. Os ruídos vinham dali. Então eles viram. Era um casal. Estavam quase nus e grudados, em um movimento frenético e constante de ida e volta. A mulher gemia e dava gritos curtos. De repente os olhos da moça cruzaram com os olhos das crianças através da fresta da tampa. Depois de alguns segundos de paralisia com os olhos arregalados, a moça gritou ao homem que estava com ela:

-Tem gente vendo!

Ariela e Oliver apenas se soltaram e escorregaram pelo tubo até o seu final, uma boca aberta na parede de um dos cômodos da

garagem apontada para uma das quatro imensas lixeiras.

-A lixeira está vazia, isto vai doer...

Ariela conseguiu falar, antes dos dois serem atirados do tubo para uma caixa de lixo com um metro e meio de altura. Estatelaram no chão de ferro. Ele disse:

-Doeu mesmo!

Logo após eles se recomporem rapidamente, foram correndo em direção ao local onde estavam suas bicicletas. Olhavam para trás para ter certeza que o casal flagrado não corria atrás deles. Pegaram suas bicicletas e pedalararam o mais forte e rápido possível em direção a rampa de saída da garagem. Agora já estão nos jardins de muros vivos que rodeiam o Palácio Normando.

-Me segue!

Ele diz a ela e acelera o pedal. Aos poucos os dois percebem que estão fora de perigo. O casal na escada ficou para trás, não os seguiram. Ele diminui o ritmo, ela o acompanha. Agora estão pedalando um ao lado do outro, o dia estava sorridente, um domingo lindo de primavera. Os jardins enormes que rodeavam o Palácio estavam coloridos pelas flores.

-Vamos à piscina!

Eles se dirigiram à frente do Hotel, onde fica a piscina ao ar livre e entraram grama adentro sem nenhuma cerimônia, pedalando suas bicicletas. Uma placa dizia: "Não pise na

grama". Agora estavam à beira da piscina, não havia ninguém, era muito cedo. Logo estavam entediados. Ele diz a ela:

-Vou te mostrar uma coisa, me segue.

Ela foi com ele. Agora eles pararam ao lado do muro que indicava o limite do Hotel, dali para frente era a rua.

-Você viu aquilo na escada, Ariela?

Ariela não fala nada. Estava envergonhada e sem graça. (Parecia aquilo), ela pensa.

Oliver sorri para ela cinicamente e continua:

-Eles estavam fudendo.

Ariela fica ruborizada, ela devolve um sorriso tímido e envergonhado.

-Cala boca, Oliver.

-Fudendo! Efe - U - D - E - Ene - D - O.

Fudendo!

Depois de observar divertido e debochado o constrangimento dela, ele salta da bicicleta e fica olhando a rua em frente ao pequeno muro que demarca a propriedade. Era uma rua lateral morta, sem movimento, quase uma estrada, pois o Hotel ficava na periferia de Petrópolis.

Oliver diz olhando para a estrada:

-Vamos...

-Sua mãe disse para você não sair daqui. Ela proibiu a gente. Ela disse sobre o muro:

"Esta fronteira vocês só podem atravessar quando crescerem". A gente só tem nove anos.

-É só não contar a ela.

-Se você sair, eu vou contar.

Não houve tempo para Ariela protestar.

Oliver pulou o muro com sua bicicleta.

Quando ele já estava a alguns metros ouviu o grito dela:

-Me espera!

Ela saltou o muro com sua bicicleta e foi em direção a ele. Agora estavam juntos, lado a lado.

-Eu vou contar para sua mãe.

Ele não prestou atenção nela.

-Vamos explorar o local.

Atravessaram a estrada. Depois eles entraram em um campo quase desmatado, um pouco de grama, um ou outro arbusto, apenas uma árvore a uns cinquenta metros, um local seco. Não parecia em nada com os jardins do Palácio.

-Não tem nada aqui, vamos embora.

Eles voltaram para a estrada.

-Vamos acelerar para subir aquela rampa lá na frente da rua. Ela é grande, mas a gente consegue.

Os dois aceleram ao máximo, o vento e um sorriso no rosto, excitados pela aventura. No meio da subida da rua eles já tinham perdido a velocidade. Agora no fim pedalam lentamente, pedalada por pedalada, numa agonia cada vez mais forte até o fim da subida.

-Conseguimos.

Ele sai de sua bicicleta e se senta no chão da estrada. Ela repete o gesto.

-Vamos voltar, Oliver.

-Vamos só até a próxima esquina. Depois voltamos.

Após um breve descanso, pedalararam mais uns duzentos metros até que chegaram ao cruzamento. Novamente não havia nada, ao lado da estrada só a mesma visão estéril, um campo feio, sem flores, sem grama. Então eles os viram. Ariela sentiu um frio na barriga quando viu um grupo de seis meninos mais velhos vindo na direção deles. Encaravam fixamente as duas crianças. Tinham sorrisos perversos no rosto. Ariela e Oliver perceberam que tinha algo errado, os meninos eram evidentemente agressivos. Ela ficou paralisada, sentiu medo. Os meninos seguiam na direção deles. Depois de alguns segundos, Oliver resolveu agir:

-Ariela, quando eu falar “já”, nós vamos pedalar correndo para a rampa. Naquela descida eles não nos pegam mais.

Ela ficou calada, olhando assustada para Oliver, eram quase duzentos metros até a rampa.

-Já!

Eles viraram suas bicicletas e aceleraram. Os meninos mais velhos, assim que perceberam o movimento deles, dispararam na direção de Oliver e Ariela.

-Não olhe para trás, Ariela. Só pedale...

Quando faltavam uns cinquenta metros para a descida salvadora, Oliver viu Ariela ficando para trás. Ela olhava para trás aterrorizada. Os meninos corriam com vontade. (Ela não vai conseguir), Oliver pensou. Então ele tomou uma decisão.

FEDOCA

Um dos meninos mais velhos corria na direção de uma apavorada Ariela com um sorriso de triunfo sádico no rosto, olhando fixamente para ela. Rodrigo era conhecido como Fedoca, seu apelido de guerra. Era morador de um bairro popular próximo ao local onde o Palácio ficava localizado. Ele tinha quinze anos e naquela idade já praticava pequenos furtos e se alegrava pensando em se divertir matando de medo a menina, antes de ficar com sua bicicleta. Foi tudo muito rápido. Quando Fedoca viu, Oliver e sua bicicleta vinham em direção a ele como um míssil. Não teve como evitar a colisão frontal. Os dois ficaram ali se contorcendo de dor no chão, a bicicleta jogada, caída no asfalto com suas rodas girando no ar. Ariela escapou rumo à ladeira. Os amigos de Fedoca chegaram, levantaram-no do chão e ficaram olhando para Oliver, encarando-o como predadores encaram sua presa.

-Quer morrer?!

Fedoca gritou transtornado para Oliver enquanto o encarava de perto furiosamente. Tinha ódio nos olhos.

-Hiii! Olha lá, cara!

Um dos meninos apontou para Ariela. Todos olharam em direção a ela. Ariela voava em alta velocidade, já no fim da descida. Um cruzamento marcava o fim da rampa. O carro, uma grande camionete, vinha na rua do cruzamento em alta velocidade, à direita dela. O choque era iminente. Oliver esqueceu-se dos meninos e acompanhou gelado o horror da cena.

Capítulo 2

PETRÓPOLIS

JESSE

Agora a ansiedade dos pais de Oliver crescia em velocidade exponencial a cada minuto sem notícias. Já eram três horas da tarde e nada de Oliver e Ariela. O pai já tinha ordenado desde uma hora da tarde que todos os seguranças do Hotel Normando dessem busca ao seu filho e sua filha adotiva. Agora solicitava mais alguns funcionários para a tarefa, foi quando recebeu um telefonema da recepção do Hotel.

-Tem um rapaz aqui querendo falar com o senhor, o nome dele é Álvaro. É sobre seu filho e Ariela.

ÁLVARO

No carro, Álvaro conversava com Jessé, o dono do Hotel Normando e pai de Oliver:
- É um verdadeiro milagre a menina estar viva, não sei como consegui parar quase em cima dela. Ela levou um tombo da bicicleta no susto. Está bem machucada, mas nada sério. Foi só um tombo. Sinceramente Senhor Jessé, não devia deixar crianças de nove anos sair andando por aí, sozinhas.

Era uma reprimenda. O pai de Oliver era orgulhoso, mas não se aborreceu com a chamada de atenção, ele estava aliviado e agradecido àquele jovem ao seu lado.

-Tem razão, amigo. Toda razão.

-Como eu disse a menina está bem. É claro que a prioridade foi levá-la para um hospital para ter certeza sobre o estado de saúde dela. Quando caiu com a bicicleta, ela bateu com a cabeça no chão de um jeito que me assustou, mas antes eu peguei seu filho. Seria melhor dizer que eu o resgatei de um bando de aprendizes de marginais, o bando que levou a bicicleta dele.

Ele olha para Oliver, o filho estava no banco de trás da caminhonete, eles estão indo ao hospital, vão trazer Ariela para casa.

MIA

Em casa, Mia Van, a mãe holandesa de Oliver o abraçou demoradamente, depois chamou Ariela para seus braços, a menina correu para ela e se aninhou no abraço da mãe adotiva.

-Está tudo bem, querida, tudo bem.

O pai agora se senta em frente aos dois.

- O que foi que sua mãe falou sobre sair dos limites do Hotel?

Ele falou olhando para o filho. Por alguns instantes Oliver ficou calado. Então ele repetiu o que ouviu da mãe:

-Aquela fronteira a gente só cruza quando crescer.

-Então por que cruzou?

O menino ficou calado.

-E você, Ariela?

Oliver olhou para ela.

-Eu não queria ir, disse para não irmos.

Lembrei-me de suas palavras...

A menina começou a chorar. Um choro contido. Oliver sorri e diz:

-Eu a salvei. Voltei para salvá-la. Enfrentei os bandidos.

O pai pergunta:

- Como assim?

-Nós estávamos fugindo, mas um menino a estava alcançando. Então eu voltei e joguei minha bicicleta em cima dele, ela escapou, eu a salvei.

(E ela quase morreu atropelada). O pai pensou.

-Você fez isto, Oliver?

O menino sorriu orgulhoso para o pai.

-Fiz.

O castigo de Oliver por ter desobedecido aos pais: Ficar sem bicicleta até o fim do ano.

ARIELA

À noite em seu quarto, Oliver recebeu a visita de Ariela, ela tinha um caderno na mão.

-Eu te empresto minha bicicleta quando eles não estiverem olhando.

Ele sorriu para ela.

-O que é isto em suas mãos.

-É um caderno, um diário. Eu quero que fique escrito para sempre o dia em que você foi meu herói e salvou a minha vida.

Oliver ficou feliz.

-Eu salvei a sua vida.

-Você não chorou, Oliver.

-Eu só choro quando o filme é bom, bobona. Olhando feliz para ela, ele se lembrou da escada:

-Você vai escrever sobre o casal na escada?

-Claro! Um diário é um diário. Mas ninguém vai ficar sabendo, só nós dois podemos ler.

-Então está combinado. Mas eu não vou ler não. Ariela. Diário é para meninas.

- Cala boca, Oliver.

Ela disse sorrindo para ele com aquele sorriso que ele adorava. Então ela o abraça carinhosamente e diz:

-Você salvou a minha vida, Oliver chorão.

- Eu só choro quando o filme é bom, Ariela.

Capítulo 3

ANO 1986 - Oliver e Ariela- 16 anos.

A juventude

RODRIGO

Rodrigo desceu do ônibus que o levou ao Hotel Normando. Sentiu-se bem, adorava seu trabalho. Trabalhava como garçom no Palácio e apesar de sua pouca idade, vinte e um anos, ganhava bem graças às gordas gorjetas que recebia dos hóspedes endinheirados que frequentavam o luxuoso Hotel. A manhã passou rápida como sempre, o restaurante estava cheio. O enorme salão com chão de mármore e ébano, com suas mesas redondas, estava repleto com as pessoas elegantes de sempre. Então ele os viu chegando e seus olhos se alegraram. Eram os filhos de Jessé, o dono do Hotel. (Ela é linda), ele pensou. Correu para atendê-los assim que o trio escolheu sua mesa.

-Já escolheram o que vão comer, Senhores?
Rodrigo se apresentou rápido e atencioso como sempre.

-Não me chame de Senhora, ok? Faz-me sentir velha, Rodrigo.

-A Senhora é quem manda.
Rony esfrega suas mãos.

-Hoje eu quero algo diferente, escutei maravilhas sobre a lula que servem aqui. Deu-me água na boca.

-Claro, Senhor Rony, mas ela não vem com batatas fritas.

Oliver e Ariela riram, o garçom ficou sem graça, ele só avisou porque sabia que Rony adorava batatas fritas.

-O que acompanha o prato, Rodrigo?

-Arroz, pimentão, cebola, camarão...

-Manda bala, pode trazer, e não me chame de Senhor.

Rodrigo anotou o pedido de Rony e se virou para Ariela. Ela cutucou com seus pés os pés de Oliver em baixo da mesa, ele agora presta atenção nela.

-Eu quero aquele contra- filé que você escolhe tão bem, Rodrigo. Com aquela gordura divina e bastante batata frita, mais nada.

-Malpassado como sempre, Senhora?

-Como sempre, e não me chame de Senhora, Rodrigo.

Rodrigo sorri para Ariela, anota seu pedido e se vira para Oliver.

-Rodrigo, eu quero o mesmo prato da Ariela, com bastante batata frita, pode trazer mais uma porção extra de batata e não me chame de Senhor, Rodrigo.

-Sim, Senhor. E de bebida?

-O de sempre.

-Couvert, Senhores?

Ariela fala pretendendo um certo ar formal:

-Não, obrigada, Senhor Rodrigo.

Rodrigo se dirigiu à enorme cozinha. Tinha mais de vinte funcionários entre cozinheiros e auxiliares de cozinha. Trabalhavam freneticamente. Ele chamou a chefe Amanda. Era sempre ela quem atendia os filhos de Jessé e Mia.

-Capricha na lula, é para Rony.

-Meu Deus, Rodrigo! Lula com batatas fritas?

-Não, não. Não cometa este crime. Ele já sabe qual é o acompanhamento. Para Ariela e Oliver aquele contrafilé com fritas que eles pedem habitualmente.

Não demorou muito e Rodrigo chegou trazendo o carrinho com três bandejas. A primeira que ele serviu foi a de Rony.

-Excelente escolha, Senhor.

O prato parecia realmente apetitoso. A lula estava cortada em anéis e o arroz estava misturado a pimentões e outros legumes e se mostrava levemente cremoso. O camarão e o tomate cereja davam um colorido bonito ao prato.

-Sabe Rodrigo, esta vai ser nossa última refeição neste restaurante por um bom tempo. Estamos partindo hoje para o interior de São Paulo. Vamos estudar no Colégio São Marcos. Eu queria levar uma lembrança especial deste restaurante, por isto o prato especial. Rodrigo ficou impassível, mas triste, não ia mais ver Ariela por um bom tempo.

-Tenho certeza que fez a escolha certa, Senhor.
O prato é muito requisitado.

-Claro. Já meus irmãos não têm imaginação alguma. São dois jacus. Bife com fritas. Já estou vendo até o que vão comer na primeira refeição em São Paulo. Bife com fritas...

O garçom Rodrigo nada falou, pegou a bandeja de Ariela e serviu o contrafilé.

-Eu pedi uma porção de batatas fritas extra como Oliver sugeriu, Senhora.

-Que gentileza. Sempre profissional.
Obrigada, Senhor Rodrigo.

Rodrigo serviu a Oliver e se retirou.

-Nossa, esta lula está divina.

Rony falou. Ariela cortou bem lentamente um pedaço de seu gordo contrafilé e o levou à boca como se aquilo fosse uma espécie de ritual. Espetou suas batatas fritas no garfo e serviu-se com vontade, sem cerimônia. Oliver repetiu o gesto.

-Vocês estão me provocando. Que bobagem!
Não sabem o que estão perdendo. Querem provar um pouco?

-Rony, eu não vou te dar batata frita, não adianta puxar o saco agora. Você chamou a gente de jacu.

-Ariela, você está com inveja da minha lula.
Não precisa. Se quiser eu te dou um pedaço.
Ariela olhou para o prato dele, então virou seu rosto para o lado de fora da mesa e enfiou o dedo na garganta com a língua de fora.
Oliver se divertiu com o gesto de repulsa dela

e chamou Rodrigo. O garçom logo estava com eles.

-Rodrigo, diga a Amanda que o contrafilé está divino, derrete na boca como manteiga, e as batatas, nossa... crocantes por fora e macias por dentro. Inesquecível. Um presente de verdade antes de nossa partida para São Paulo.

Ariela completou:

-Perfeito!

-Agradeço em nome dela, Senhores.

-Você vai ficar gorda, Ariela, você e Oliver.

Isto aí é caloria pura. Vou ficar longe de vocês de vergonha. Quando me perguntarem lá no colégio se eu sou irmão daqueles dois balofos, eu vou dizer que não.

Ariela espeta o seu garfo na porção de batatas fritas e mais uma vez se serve à vontade.

Rony cedeu:

-Me dá um pouco desta batata aí... porraa!!

Ariela sorriu triunfante, eles passaram uma porção extra de batata frita para Rony.

Ela fala olhando para ele divertida:

-Vai querer um pedaço de meu bife também, Rony?

-Não precisa, Ariela. Com batata frita a lula não está tão ruim assim.

Agora comem em silêncio, pensavam na viagem. Era mesmo a última refeição deles no Palácio por um bom tempo.

OLIVER

-Você está bonita, Ariela.

Ela ficou feliz com o elogio dele, sorriu para Oliver. (Ele nunca me olhou assim antes). Ela pensou. Mia prestou atenção quando o filho elogiou Ariela e não sabe se gostou do que ouviu. Os dois, durante toda a infância foram “unha e carne” como dizia o marido, não se largavam. Era do salão de patinação no gelo para a piscina térmica no inverno e do salão de boliche à piscina nos jardins do Hotel no verão. Mesmo quando ele jogava futebol de salão, lá estava ela assistindo o jogo e torcendo por ele. Agora aquele sorriso e aquele elogio, justo agora que a puberdade chegou. Certas fronteiras não devem ser cruzadas, a mãe pensou. Agora estão entrando por uma porta desconhecida. A juventude, a primavera da vida, começou de vez. Ariela realmente ficou uma jovem linda. Mia se volta para Ariela.

-Como foi o piquenique de vocês ontem, Ariela?

-Foi legal, mãe. O jardim estava cheio de famílias fazendo piqueniques. Foi uma boa ideia separar aquela área do gramado do Palácio para isto.

-As formigas incomodaram, Oliver?

-Não deu tempo. Quando elas chegaram Ariela já tinha comido tudo sozinha.

-Cala boca, Oliver.

Ariela falou com um sorriso que ele adorava. Mia achou graça, mas ela estava preocupada. Aquele elogio de Oliver, a óbvia beleza de Ariela. Aquilo soou como uma declaração de amor. Oliver não era nenhum galã de cinema, mas não era de se jogar fora. Tinha cabelos castanhos claros meio ondulados. Seus olhos eram castanhos escuros como os de seu pai. Tudo normal, previsível, mas era alto e tinha porte, ombros largos... Uma vez, uma americana em visita ao Hotel durante um evento internacional disse a Mia que Oliver podia ser um bom jogador de futebol americano.

(Tecnicamente falando Oliver e Ariela não são irmãos. Eles sabem disto. Aquilo podia ser uma grande confusão de sentimentos se eles achassem que uma amizade acima de qualquer suspeita pudesse ser algo mais forte que isto, ainda mais agora que eles vão embora juntos, sair do ninho). Mia pensou. -Bom aquele muro sobre o qual nós conversamos há tanto tempo, agora vai ser cruzado. Boa sorte. Ainda faltam uns trinta minutos para vocês irem. Eu quero falar em particular com Ariela, uma conversa de mulher para mulher. Os dois, por favor, esperem na recepção do Hotel. Ela já desce.

Quando ficaram a sós, Mia acariciou os cabelos de Ariela.

-Você sempre será uma criança para mim, amor. E como mãe eu tenho que corrigir, ensinar... é exatamente isto que vou fazer com esta nossa conversa. Sua mãe natural trabalhava como doméstica para nós, aqui no Hotel, você sabe.

(Você é minha mãe), Ariela pensou, mas não falou nada. Mia continua:

... Sua mãe era uma jovem de dezoito anos linda como você. Mas um dia cometeu aquele erro, foi enganada, engravidou. Esperava você. O rapaz não a assumiu como filha, ela ficou só e morreu durante o parto em que você nasceu. Uma pena. Nós assumimos sua educação e guarda como uma homenagem a ela.

-Eu não vou errar, mãe. Não vou cometer o mesmo erro. Prometo.

Mia continuou.

-Agora eu tenho outra conversa com você, uma conversa muito importante...

A mãe pegou um livro sobre a mesa da sala.

Na capa dizia:

“ Orientação sexual para jovens”

MIA

Chegou a hora. Os três se despediram da mãe e do pai. Mia tinha lágrimas nos olhos.

Quando o ônibus que os levaria ao Rio de Janeiro estacionou em frente ao Hall de

entrada do Palácio Normando, os três deram uma última olhada para o Hotel. O dia estava carregado de uma névoa serrana junto ao chão, uma bruma típica de Petrópolis. Ficaram por alguns segundos parados, só olhando para o Palácio. Até agora, ali havia sido o palco onde os três passaram toda sua vida. Não conheciam praticamente mais nada. Até o colégio que frequentavam era dentro do Hotel Normando, uma sala para eles e os filhos dos empregados. Ficaram ali olhando em silêncio. Rony, Ariela e Oliver, os três, lado a lado. Uma parte importante da vida deles aconteceu ali, suas infâncias. (Rumo ao Colégio São Marcos). Oliver pensou. Ele abaixa a cabeça e se vira para o ônibus. Ariela pega na mão de Oliver. Então eles embarcaram. No ônibus, quando saíram dos limites do Hotel, Oliver se lembrou de sua mãe: “Aquele muro sobre o qual nós conversamos há tanto tempo agora vai ser cruzado. Boa sorte.”

COLÉGIO SÃO MARCOS. ANO 1986

Capítulo 4

RACHEL.

-Agora é tarde aí em Mônaco, não é, Senhor Douglas?

-Sim, Senhor Anderson. Em que posso ajudá-lo?

-É sobre Rachel...

Douglas fica em silêncio do outro lado da linha. Anderson continua.

-É uma pena ver uma excelente aluna perder a oportunidade de estudar neste colégio e ter um futuro brilhante, Senhor Douglas. Aqui ela está afastada da luta diária e dos conflitos e dificuldades de uma comunidade carente com o "Morro do Português". Aqui ela tem quarto próprio, alimentação de primeira e amigos para viver uma juventude saudável. Aqui ela está protegida, segura, uma vida sem medo. O senhor teria uma amiga de verdade, para toda a vida. O senhor já se decidiu quanto ao pagamento das mensalidades da escola?

-Ela não é minha filha. Não tenho essa obrigação. O senhor não pode dar uma bolsa de estudos a ela, ou algo assim?

(Ele foi rápido em sua resposta, sem dúvida não vai pagar mais). O diretor pensou.

-Não é tão simples assim, Senhor Douglas. As bolsas gratuitas previstas no orçamento do semestre do colégio já foram preenchidas. E a procura é grande, a fila é enorme.

-Sinto por ela, mas eu tenho uma esposa e ela não quer que eu sustente uma mentira que a fez sofrer por tanto tempo.

(Você é a mentira, Senhor Douglas). O diretor pensou.

-Entendo, desculpe pelo incômodo, tenha um bom final de dia, Senhor Douglas.

O diretor Anderson desligou o telefone e ficou olhando para a paisagem da janela, pensativo.

Estava garoando. O tempo estava fechado,

triste, era como se o Colégio São Marcos

estivesse lamentando pela notícia que seu

diretor ia dar a Rachel. O diretor tinha

orgulho da instituição que dirigia. Um ensino

de primeiro mundo. Cada detalhe do colégio

interno foi construído visando um fim único.

Uma passagem pelo ensino médio

inesquecível e altamente preparatória para o

futuro dos alunos. A proposta do colégio não

era apenas acadêmica. O desafio maior era

moldar o caráter daqueles jovens que

representavam o futuro do país. O colégio

tinha um campus de fazer inveja até mesmo a

muitas universidades pelo mundo afora e ali

se respirava um futuro brilhante para cada

um de seus alunos. (O melhor colégio da

América Latina), ele pensou. Mas tinha algo

que incomodava o jovem diretor, era um

colégio elitista, tinha que ser. Toda aquela estrutura palaciana, cercada de jardins e prédios modernos e com os melhores profissionais do mercado, tinha um custo elevado. Só aqueles da ponta do alto da pirâmide da renda nacional podiam pagar a mensalidade. Havia uma exceção. Era Rachel, a mulata de sorriso doce que saiu direto de uma das maiores e mais perigosas favelas do Brasil para o Colégio São Marcos. O diretor se lembra de quando ela chegou, seus olhos brilhavam eufóricos enquanto ela ia percorrendo e conhecendo o colégio, acompanhada por ele. Parecia não acreditar no que via. Agora esta história, este conto de fadas moderno estava para terminar. O diretor Anderson suspirou, chamou sua secretária pelo interfone.

-Por favor, Lídia. Peça à aluna Rachel Rodrigues para vir até minha sala.

O diretor Anderson olhava para a jovem estudante a sua frente. Ela parecia estar se recompondo de seu súbito ataque de choro. Enxugava as lágrimas dos olhos.

-Você já sabe o que vai ser sua profissão, Rachel?

-Eu vou ser médica!

O diretor apreciou o que a jovem disse com determinação. Era raro, tão cedo assim, uma estudante estar tão decidida.

-Tenho certeza disto, Rachel.

O diretor Anderson era um homem novo para o cargo que ocupava. Diretor geral e presidente do conselho do Colégio São Marcos. Ele sabia sobre o valor que a determinação que a jovem mostrou em sua resposta, tinha para ajudar alguém a alcançar seus objetivos. Rachel será médica. Ele viu isto nos olhos dela. Mas certamente o caminho mais rápido e seguro para alcançar seu objetivo era o Colégio São Marcos, (aqui ela teria uma educação de qualidade que a colocaria em qualquer faculdade de medicina do mundo). Ele pensou. Anderson ficou imaginando a felicidade da menina quando foi admitida no colégio. Sair de uma comunidade carente tão cheia de demandas como a Favela do Português e vir direto para um colégio como o São Marcos, era como ser convidada a morar no paraíso. Só o melhor para os alunos desta instituição. Ela não decepcionou. Era uma excelente estudante. Rachel tinha uma história de dificuldades como é comum entre os extremamente pobres. Seu suposto pai foi um jogador de futebol famoso. Ganhou dinheiro. Ficou rico. Jogou na Europa e mora lá com sua família. A filha, que ele teve por acaso com uma de suas amantes, ele ignorava como pai, mas a atendia

como provedor. Pagava os estudos da bela mulata de cabelos encaracolados, mas uma novidade tecnológica mudou a história de esperanças de Rachel. Agora havia um método simples e eficaz para determinar a paternidade de alguém, era o exame de DNA. Demorou, mas depois de muita pressão da esposa atual do jogador, preocupada com a herança dos filhos, ele solicitou o exame. Rachel não era filha dele.

-Você ainda tem um mês pago, Rachel. Vamos ficar alertas neste início de ano letivo. Se algum bolsista desistir, a vaga é sua.

Rachel se levantou, já ia embora.

-Pegue meu guarda-chuva emprestado Rachel, está chovendo lá fora, e você chegou aqui sem um.

Rachel sorriu com seu sorriso doce para o diretor. Ainda tinha os olhos inchados pelo choro.

- Obrigado por tudo, Senhor. Daqui a alguns anos, quando precisar de um médico, é só me procurar.

CONDE

Conde falou olhando para os amigos.

-É uma pena, não? Rachel não é só um colírio para os olhos dos homens. É uma pessoa de primeira.

Estavam ali reunidos no quarto de Dan no Colégio São Marcos o sempre extrovertido Chico Mineiro e sua companheira de balada, Tina, Alex e sua namorada Aline, Conde, Victória e Dan. Os amigos, especialmente Dan, estavam tristes por Rachel.

-Vamos chamá-la. Nós temos que levantar a moral dela. Vamos dar uma volta por aí. Sei lá...

Bela falou, mas se mostrou pouco entusiasmada.

Dan olhava pensativo para o campus do colégio através de sua janela. Do nada veio aquela lembrança de sua infância em Curitiba, o pai despedindo um negro de sua empresa. “Eu não devia ter contratado um negro” Ele se lembrou de como ficou decepcionado com seu pai aquele dia. Ele é um racista, ele pensou na época com tristeza. Agora ele descobre que Rachel era para ele muito mais que uma amiga. Era um símbolo. Uma pessoa admirável e ele não queria ficar longe dela.

-Nós temos que fazer mais do que isto, levantar a moral dela é pouco, Bela.

-Fazer o que Dan?

- Eu tive uma ideia para ajudá-la de verdade. É ousada, mas pode dar certo. Quem disse que Rachel não tem pai?

OLIVER

Quando eles chegaram à Rodoviária do Rio de Janeiro, os lugares no ônibus já estavam definidos. Rony vai sentado na fila da frente, primeira fila como quis. Ariela e Oliver foram juntos no meio do ônibus.

-É melhor deixar a manta em nosso colo. Vai esfriar durante a viagem.

-Eu não trouxe a minha, Oliver.

Ela mentiu. A manta estava em sua mala. Ele olhou para ela. Deu um suspiro.

-Nós dividimos a minha, não se preocupe.

Ela sorriu para ele. Era sua forma de agradecer o gesto.

-Eu gostei do que você disse Oliver.

-O que?

-Que eu estava bonita.

- Linda, Ariela. Linda, da cabeça aos pés.

AMIGOS PARA SEMPRE

Era madrugada, três horas da manhã. O frio estava intenso. Numa das paradas do ônibus que levava os três irmãos para o Colégio São Marcos, Oliver se levanta, vai até a lanchonete, pergunta a Ariela se ela quer algo. Uma sonolenta Ariela se espreguiça e se enrola na manta, faz um não com seus dedos. Na volta ele traz um jornal na mão.

-Olhe Ariela. É sobre o Colégio São Marcos.

Depois de alguma resistência, a curiosidade venceu o sono de Ariela. Ela pegou o jornal.

“Alunos do Colégio Interno mais caro do Brasil ajudam aluna de comunidade carente.” O tradicional Colégio Interno São Marcos, no interior de São Paulo, foi sacudido nesta semana por uma campanha com um nome insólito. “Adote Rachel”. A frase colocada em cada mural do enorme colégio junto à foto da jovem que foi criada na favela carioca Morro do Português e agora estudava no colégio mais caro do Brasil tinha um objetivo nobre. Arrecadar junto aos cinco mil alunos da instituição o valor necessário para quitar todo o segundo grau da aluna, no colégio modelo. E eles conseguiram! A jovem Rachel explicou à reportagem que seus estudos eram pagos por Douglas, o jogador de futebol que brilhou na seleção brasileira nos anos setenta e hoje vive no Principado de Mônaco, na Europa. -Ele acreditava que era meu pai. Então surgiu um exame de DNA. Quando descobriu que eu não era filha dele, cortou a ajuda. O futuro já não parecia tão brilhante para a jovem aluna sem a ajuda do agora desinteressado Douglas. Era certa a volta dela à favela onde foi criada. Foi quando um amigo de Rachel, um aluno uruguaio chamado Conde reuniu-se com seus amigos e um deles teve a ideia de fazer a campanha

para arrecadar os fundos necessários. Dan explica como sua ideia foi recebida:

-Quando tive a ideia, um grupo de amigos abraçou a iniciativa com entusiasmo.

Procuramos o diretor que ficou animado com a campanha, ele cedeu toda a logística para a promoção.

Dan explica à reportagem que uma conta foi aberta pelo Colégio com a finalidade específica de arrecadar as doações. Uma placa enorme, com o nome dos doadores e o valor da quantia doada, ficava na frente do salão que servia como restaurante para os alunos. Além disto, cada nova doação era informada ao colégio pelos alto-falantes que interagiam com toda a escola. Nossa reportagem procurou o diretor e ele recebeu nossa equipe.

-Fiquei feliz com a ideia do grupo. Naquele dia senti que o Colégio São Marcos estava realizando sua tarefa com sucesso. Nossa proposta não é somente educar do ponto de vista acadêmico, mas preparar pessoas que possam um dia liderar com sabedoria nosso país e trabalhar para o bem comum.

O Diretor Anderson Meira relatou à nossa reportagem que nem tudo foram flores na campanha. Vinte e quatro horas depois do início da promoção, somente o grupo de amigos que trabalhou a ideia havia doado para a operação “Adote Rachel”.

-Foi quando aconteceu a primeira doação de alguém fora do grupo. O valor era expressivo,

além disso, o primeiro doador não era um brasileiro, era uma argentina recém-chegada. Aquilo mexeu com o brio dos outros alunos. Em uma semana, arrecadamos o valor necessário para quitar todo o segundo grau de Rachel aqui no Colégio. Agora a aluna Rachel se diz a filha mais feliz do mundo.
-Quem pode dizer que tem cinco mil “pais”?

Ariela percebe que a reportagem terminava com uma foto. Rachel Rodrigues, cercada de seus “Amigos para sempre” como ela os chamava. “Da esquerda para a direita: Conde Vital, Dan Américo, Rachel Rodrigues, Aline Rosenberg, Francisco Sobrinho, Lineu Muller, Bela Ramos, Alex Capela, Tina Araújo, e Victória Areta, a argentina que fez a primeira doação.”

Assim que termina de ler a reportagem Ariela olha para Oliver. Ela tem um sorriso no rosto. -“Amigos para sempre”, que coisa legal. Tem um mundo esperando pela gente aí fora, ela pensou olhando para Oliver.

Capítulo 5

Ano 2001. Oliver e Ariela com trinta anos.

OLIVER

(É ele mesmo! Só pode ser ele. Ele não mudou muito).

Oliver estava surpreso! Observa detrás da porta de vidro que separa seu escritório do resto do ambiente do Hotel o homem elegante junto ao balcão de informações. (É Conde, meu colega de escola, hoje um dos maiores arquitetos do Brasil), Oliver pensou.

O atendente pediu com um gesto para Conde aguardá-lo e veio em direção à sala de Oliver.

-Bom dia, Senhor Oliver, aquele senhor o espera.

-Bom dia, Rodrigo. Vamos juntos até lá.

Quando Oliver chegou, eles se cumprimentaram. Primeiro se apresentaram com uma formalidade britânica, mas logo depois estavam num caloroso aperto de mãos.

-Que surpresa, Conde! Vamos até minha sala. Depois de alguma conversa sobre a juventude deles no Colégio São Marcos, Oliver perguntou:

-O que manda meu amigo? A que devo essa visita inesperada?

-Vim entregar um convite.

Conde retira um envelope do bolso de seu terno e o entrega a Oliver. Oliver abre o envelope. Lê o convite.

-Uma Ilha? Parabéns Conde. Onde fica?

-No litoral Sul do Brasil, perto do Uruguai.

-E você vai reunir novamente a turma toda...

-Um sonho a ser realizado, amigo.

Oliver sorriu para Conde.

-Não sei se devo ir, Conde.

Conde adivinha os pensamentos de Oliver.

- Oliver, nós não vamos à Nova York fazer compras ou a Paris badalar em festas. Nós vamos a uma ilha, minha ilha. Vamos ficar sozinhos. A dispensa e a adega estão repletas e à nossa disposição. Seis micro-ondas, uma churrasqueira, nada mais. Não precisamos de dinheiro lá.

Oliver apreciou a objetividade e sinceridade de Conde.

-Dizem que os uruguaios realmente sabem fazer um churrasco.

A churrasqueira está lá. Esperando-nos.

-Você já convidou a todos, amigo?

-Todo o grupo. Cada um deles abraçou a ideia com entusiasmo. Quero todos naquele barco que vai à ilha, especialmente você, Oliver.

(Eu não fazia parte daquele grupo, em algum momento nosso relacionamento mútuo foi até hostil, mas acho que entendo o motivo do convite. Conde se sente devedor a minha pessoa.), Oliver pensou.

-Eles sabem de minha presença, Conde?

Oliver percebeu surpreso de como se sentia à vontade com Conde, pareciam amigos de sempre.

-Todos vão ficar felizes em te ver Oliver, eu tenho certeza. Vou fazer uma surpresa. Você é a cereja do bolo.

Oliver pensava o tempo todo em Ariela.

- Ela vai?

Conde sorri para Oliver. Um sorriso de triunfo, satisfeito. Conde diz:

-Ela vai. São doze anos sem vê-la, Oliver. Não vá perder esta oportunidade!

Oliver se lembrou deles dois, caçando fantasmas pelos corredores do Hotel Normando, ele sorriu para si mesmo.

-Eu a vejo quase todos os dias Conde, em fotos de revistas de moda e entretenimento.

Depois de alguns segundos pensando, Oliver decidiu. Ela vai estar lá. Vou vê-la novamente.

Ele pensou.

- Eu vou. Aceito seu convite.

Conde se alegrou.

- Excelente! Eu já vou. Missão cumprida, só falta algo.

Conde tira outro envelope de um dos bolsos de seu terno.

-É uma carta, só abra o envelope quando voltar da viagem. Garanto que será a melhor parte da festa. Combinado?

Oliver pegou a carta e fez um sinal de positivo ao uruguaio. A guardou em uma das gavetas de sua mesa.

-Seu português continua impecável, Conde.
Vou te acompanhar até a porta do Hotel. Não
é sempre que recebemos uma visita tão
ilustre.

CONDE

*“O que faz nossa história não é nosso passado, mas
os amigos que levamos deste mundo.”*

Convite;

*Sinto-me um homem quase realizado. Ainda falta
algo. Falta rever os meus amigos, amigos da
melhor época da minha vida. Amigos para sempre.
Por que não reviver aqueles dias inesquecíveis?
“Mi casa es tu casa”*

Assinado: Conde

DAN

Dan sentiu a brisa junto ao rosto, sentiu o
cheiro do mar, ficou apreciando o barulho das
ondas que se chocavam no casco do barco, um
belo iate. Sentiu-se bem. No cais do clube,
aquele não era o único barco, várias
embarcações como aquele iate estavam
perfilados lado a lado, como animais de
estimação à espera de seus donos. Dan estava
no Iate Clube do Rio de Janeiro, no bairro da
Urca. Um local exclusivo para gente de
primeira. Ali dentro se respirava realização

profissional e pessoal. Ele alisou com a palma de sua mão o corrimão que dava para os quartos do barco. Sentiu uma ponta de inveja. A vida sorri para uns, seria só sorte? (Aquilo não era para qualquer um), ele pensou. Dan nunca havia entrado em um barco como aquele. Foi desenhado pela Scandinav Viking e decorado de forma luxuosa pela Madrid Interiors. Um “Flecha de prata”, como o barco é conhecido. É o quarto da série Iate de Prata e também o mais rápido iate do mundo, com 47 metros e uma velocidade máxima de 27 nós, o que equivale a 50km/h. Há 8 cabines para hospedar 16 convidados, uma área de jantar “indoor” e “outdoor” com paredes de vidro deslizante e um spa que inclui sauna, massagens, salão de beleza e é claro, a piscina na popa, a parte de trás do barco. Tudo aquilo cercado de jacarandá, mármore e metal cinza prata que acompanha o casco. Quando Dan soube que eles iam à ilha de iate e que a viagem ia durar mais de dois dias, imaginou um belo barco, mas não esperava tanto assim. (Não tenho nem ideia de quanto custa uma beleza dessa), ele pensou. Dan era curitibano, não conhecia o Rio de Janeiro, agora estava lá. Nunca tinha visto o mar. Não se interessava por praias. (Sou um bicho da toca. Magro como um varapau). Dan se lembrou divertido de seu apelido quando criança. Mas agora era diferente. Tinha aquele convite para motivá-lo a conhecer o mar. A cidade era realmente

maravilhosa. Do Aeroporto Tom Jobim até o Leblon, onde ficava seu Hotel, a paisagem era de tirar o fôlego, mas a cidade era perigosa como ouviu falar. Uma de suas malas foi furtada, uma pequena mala de mão. Aquilo era um incômodo, mas estava decidido. Nada ia estragar sua aventura. Ele estava animado, foi o primeiro a chegar, antes mesmo do dono do magnífico barco, Conde, o arquiteto mundialmente conhecido. Conde era o anfitrião do encontro de amigos que não se viam há anos. Logo estariam todos juntos novamente. Amigos para sempre, juntos novamente. Ele pensou. Aquele convite era especial.

OLIVER

-Como vai?

Ariela estende sua mão para Oliver em um cumprimento frio e formal. Oliver devolve o gesto. Os dois apertam suas mãos.

-Muito bem! Parabéns pelo seu sucesso, Ariela.

-Obrigada, Oliver.

Ela se vira para os amigos e o deixa só. Não demonstrou nenhuma surpresa com a presença dele. Oliver fica triste e constrangido com a frieza de Ariela. Depois de tudo que viveram juntos na infância e parte de suas juventudes, aquele cumprimento formal e

gelado era muito pouco para duas pessoas tão íntimas em outra época e que agora não se viam há anos. Naquele momento a festa para Oliver ficou triste, ele se arrependeu da decisão que tomou. (Eu não devia ter vindo. Mesmo tendo sido tão bem recebido pelo grupo como fui.), ele pensou. Em sua chegada, Conde o abraçou com carinho por um tempo que não era normal para um abraço e Chico Mineiro ficou tão feliz com a presença de Oliver que literalmente o empurrou para o barco adentro. Ainda faltavam dois convidados: Victória, que vinha de Buenos Aires, e Lineu Muller, como sempre atrasado. Eles chegaram, agora eram ao todo seis homens e seis mulheres. A festa começou antes mesmo de o barco zarpar do Iate Clube em direção a ilha. Não se importaram em se ajeitar em suas cabines nem acomodar a bagagem. Afinal, estavam juntos novamente. Durante as duas primeiras horas de viagem mar adentro, até a ilha de Conde, eles recordaram suas badaladas festas e aventuras no município de Registro, onde ficava o mais prestigioso Colégio Interno do Brasil, o Colégio São Marcos. Mas antes, no barco, eles se abraçaram em um círculo de amigos. Então veio aquele abraço novamente, como aquela foto no jornal Amigos para sempre! Dan pensou.

CONDE

Conde era de fato um dos mais felizes ali em seu barco. Ele é uruguaio. Aliás, no grupo havia três estrangeiros. Além de Conde havia uma argentina, Victoria, a moça de personalidade forte e havia Bela, uma paraguaia há muito erradicada no Brasil. Dos brasileiros, o grupo tinha dois fluminenses, Oliver e Ariela. Um paulista, Alex. Uma baiana, Rachel, médica de prestígio e uma mulata de parar o trânsito. Dois Curitibanos, Dan e Aline. Um catarinense, Lineu Muller. Uma gaúcha, Tina e um mineiro, Chico Mineiro. Chico era de fato o homem mais rico do grupo. Fora o grupo de amigos havia apenas dois tripulantes, um que guiava a embarcação e outro responsável por serviços gerais como almoços e arrumação de quartos.

OLIVER

Depois, Conde mostrou as cabines a eles. Seus quartos já estavam escolhidos.

- São oito quartos de hóspedes, e são onze convidados. A gente define quem vai dividir o quarto por sorteio.

Oliver ficou com a primeira cabine. Assim que Conde mostrou o quarto a ele, Oliver entrou no luxuoso cômodo do iate. Ariela ficou com

o quarto ao lado. A amiga inseparável na infância e namorada única na juventude dele não fala com ele. Ariela tem um sorriso e um abraço afetuoso para cada membro do grupo, todos os amigos, mas para Oliver só um frio cumprimento na chegada, depois mais nada, sempre se mantendo a distância. (Agora ela vai ficar no quarto ao meu lado. Por que será que Conde determinou isto?), Oliver pensou. Então se lembrou daquela noite especial.

“Você é virgem, princesa? ”

“Sim, Bela. Mas agora estou preparada para que meu amor ao meu lado me dê o presente mais desejado de minha vida. ”

“É a chave da suíte de hóspedes principal no segundo andar do apartamento, de frente para o parque. Esta noite, ela é de vocês dois. Bom proveito. ”

Oliver sorriu com a lembrança, lembrava-se de cada palavra de Ariela. Agora estava em frente ao espelho, reparou que era um sorriso triste.

CONDE

Depois de todos se ajeitarem em suas cabines, um coquetel ao ar livre foi realizado por Conde na proa do barco para comemorar a data em que os amigos se encontraram novamente. Aquilo parecia mais um encontro de domingo em família.

-Quem falar que eu engordei, eu o amarro numa âncora e jogo no mar.

Era Tina, sempre a mais alegre do grupo. Chico Mineiro tinha um sorriso debochado, olhando divertido para Tina:

-Fica triste não, Tina. O tempo passou para todos nós.

-Entendo, Chico. Você, por exemplo, parece que engoliu uma bola de basquete. Agora me traz uma âncora, capitão.

Eles não se viam há mis de uma década. Se separaram quando tinham entre dezoito e vinte anos. Agora se reencontram com mais de trinta anos, mas era como se estivessem juntos todo este tempo. Só Oliver e Ariela não se sentiam bem um com o outro. Cresceram juntos, vivendo suas aventuras no Hotel Normando como irmãos e depois se amando apaixonadamente como homem e mulher durante um curto período na adolescência. Agora, depois de anos sem se falar, pareciam não ter nada a dizer um ao outro. Todo o grupo reparou, era a única nota triste do encontro. Ninguém falou nada. No meio da festa, Tina teve a oportunidade de ficar a sós com Ariela. Ariela se abre sobre o seu relacionamento com Oliver.

-Quando eu soube que estava grávida, foi o dia mais triste da minha vida. O filho não era de Oliver, o homem que eu amava. Quando vi que o perdi por um erro estúpido meu, fiquei arrasada. Precisava dele mais do que nunca.

Não como homem, aquilo não era mais possível, mas como irmão. Precisava de minha família para aquele momento terrível. Então ele se afastou de mim.

-Isto é fácil de entender, Ariela. Ele era apaixonado por você, mas você tinha uma vida pela frente com outro homem, uma família, um filho.

Ariela quase sorriu quando se lembrou de como ele recebeu a notícia pelo pai, que Ariela estava grávida e que Alex ia assumir o filho e casar com ela:

“Se for uma filha igual a você eu vou paparicá-la tanto que ela vai ficar mais enjoada do que a mãe dela.”

Ele disse a ela com uma alegria forçada pelo telefone. Era o jeito que ele tinha para mostrar que não havia mágoas entre os dois.

-Claro, Tina. Apesar da minha tristeza, eu entendi a atitude dele. Não havia mais espaço em nossos corações para irmãos. Nós ultrapassamos aquela fronteira. Ele foi para a Europa. Quando o pai morreu, ele voltou. Já tinha se formado. Perdi o filho no parto. Permaneci casada com Alex durante alguns anos, nosso casamento não deu certo. Era Oliver quem eu amava. Então a surpresa. Por determinação de Oliver e Ron, eu estava fora do testamento. Era um recado deles. Eu era só a filha da falecida empregada, nada mais.

Aquilo me magoou muito, não pelo dinheiro ou patrimônio, mas pela atitude tão abertamente hostil. Minha carreira como modelo estava indo muito bem. Eu fui embora de vez para a França, nem me despedi. Nunca mais os procurei. Uma vez ele ligou, não atendi. Agora estou aqui do lado dele, infelizmente não temos nada a falar um com o outro.

Tina sentiu a tristeza da amiga, mas não falou nada, aquilo era muito pessoal e delicado.

BELA

No fim do coquetel, já de madrugada, estavam todos na popa do barco, à beira da piscina e de frente para um céu estrelado que só a noite no mar pode mostrar. Bela segurou a mão de Lineu Muller e disse aos amigos:

-Eu e Lineu resolvemos fazer um sacrifício pelo grupo. Nós vamos ficar juntos. Assim sobra mais um quarto para vocês.

A turma explodiu em palmas e assobios.

-Que tal nos sacrificarmos também pelo bem do grupo, Aline?

-Já que estamos aqui pelos velhos tempos, Alex...

Aline levantou e levou Alex pela mão a outra cabine. Mais uma explosão de palmas e assobios.

A viagem era tão especial e o barco tão confortável que eles quase se lamentaram quando, ao final do terceiro dia, chegaram à ilha. Era noite. A ilha estava às escuras. Iluminada somente pela lua cheia. Ela ficava a trinta quilômetros do litoral do Brasil fronteira com o Uruguai. A ilha era um campo quase desmatado, com pouca grama, um ou outro arbusto. Apenas uma árvore a vista a uns cinquenta metros naquela paisagem. Ariela teve uma sensação estranha, desconfortável. Estava frio. Victoria achou a ilha um lugar triste, sombrio mesmo, diferente do lugar ensolarado que imaginou quando recebeu o convite. Depois de alguns minutos as luzes se acenderam. Eles agora observavam uma casa, os holofotes estavam voltados para a casa onde ficariam durante quinze dias. Quase uma mansão. A casa tinha um aspecto moderno, digna do arquiteto mundialmente famoso em que Conde se tornara. A frente era um arco em forma de meia lua com cerca de cem metros de comprimento e três andares, era quase toda de vidro fumê. Luminosa. Refletia a luz dos holofotes e iluminava suas redondezas como a lua cheia iluminava a noite. Estavam todos hipnotizados pela visão da quase mansão de vidro. Podiam ouvir o barulho do mar. A casa ficava próxima da praia. (Mais cheiro do mar durante quinze dias), Aline pensou. O barco que os trouxe foi embora, eles agora estavam

sozinhos na ilha. Eram só os doze, nada mais. Sem empregados. Conde queria privacidade total. Ele se aproximou do grupo:

-Então, gostaram?

-É deslumbrante.

Victória falou sem querer olhando para Conde. Ela se lembrava, ele era apaixonado por ela naquele segundo grau. Uma paixão não correspondida. Victória ficou feliz pela carreira vitoriosa dele como arquiteto e surpreendida com a casa de vidro projetada por ele. Tinha carinho por ele. (Mas agora seria só isto? Será que ele ainda gosta de mim?), ela se perguntou.

-A casa tem três pavimentos, o segundo pavimento é onde ficam uma sala de estar e um salão de jogos. Lá tem uma mesa de sinuca especial, Lineu.

Neste momento, Lineu sorriu para Conde. Era o lazer preferido do catarinense desde sua juventude no Colégio São Marcos. Conde continuou descrevendo a casa.

No primeiro andar, priorizei apenas um salão com vários ambientes, dividido por paredes e divisórias de vidro. Além dos cômodos que descrevi, tem também uma sala de TV, que lamento dizer, não funciona. O sinal ainda não chegou à ilha. Além disto, temos uma biblioteca com uma coleção de livros de primeira, inclusive os seus livros, Dan.

Dan fez um gesto de agradecimento pela reverência dele, depois pensou ironicamente se alguém ali já havia lido algum de seus livros. Dan se lembrou:

“Não é nossa especialidade, Dan. A Editora Capela agora se especializa em publicar livros didáticos. Raramente publicamos romances. Qual o custo de produção da unidade? ”

“Vinte e nove reais, Alex.”

“Tome cinquenta reais pelo livro, eu fiquei interessado em sua leitura”

Dan abandonou suas lembranças quando ouviu Tina.

- Cara, estou fascinada e acho que nós todos ficamos sem fala quando as luzes se acenderam.

Novamente era Tina falando.

-Tina! Ela nunca fica sem fala.

Todos riram com Chico. Era lendária no grupo a desinibição de Tina.

-Já vai começar a pegar no meu pé Chico? É sempre assim, depois não larga dele.

Ela falou. A turma fez um rebuliço com os dois. Já foram namorados. Conde continua:

-No terceiro e último pavimento temos doze suítes para hóspedes mais a minha. Dois lavabos, uma copa para lanches, duas salas íntimas, um salão de beleza para mulheres e para Alex, que sempre foi muito vaidoso.

A turma caiu na gargalhada com o tom de natural premeditado de Conde, quando falou aquilo. Alex sorriu com a brincadeira.

Conde continuou:

.-Temos também uma academia de ginástica muito bem equipada. As suítes ficam na parte de trás da casa. Tem um terraço em cada quarto com uma vista para o mar de tirar o fôlego. A casa termina à beira de um penhasco. O mar é sempre lindo como paisagem, não é?

Conde continua:

-O interessante é que o fundo da casa é um penhasco inclinado, assim o primeiro pavimento começa com mais uma sala de visitas, uma sala de estar com uma lareira de vidro e um bar com um salão de dança. Atrás do bar, nos fundos da casa, há uma copa e uma cozinha com uma dispensa enorme. Aquilo é quase um restaurante. Como eu disse, o fundo da casa dá em um penhasco. Existe uma escada que, ao contrário das outras, vai para baixo e leva ao terraço onde temos mais um bar, um bar molhado em uma das duas piscinas do local e mesas ao ar livre para quem quiser almoçar, jantar ou simplesmente apreciar a paisagem tomando um café. Os três pavimentos descem como se fosse uma escada até o terraço das piscinas.

Conde aponta a casa e continua:

Agora vamos entrando, por favor.

Cada um pegou sua mala e todos se dirigiram à residência de vidro em forma de arco.

-Vai mudar de vez, pimentinha?

Chico perguntou a Victoria, divertido, enquanto olhava o tamanho das duas malas dela.

-São quinze dias Chico e você só trouxe uma mala. Vai querer minhas calcinhas emprestadas depois?

Chico deu uma gargalhada curta. A argentina, a pimentinha como era conhecida, sempre foi a mais terrível da turma. Temperamento difícil. Eles entram pela sala de visitas. Era linda. Tudo moderno. Era como se estivessem dentro de um enorme aquário. As paredes que separam os três ambientes são de vidro temperado. Levemente esverdeados. Têm quadros grandes e painéis do tamanho de uma pessoa. Painéis verticais e horizontais, com fotos fortes e coloridas de mar, árvores, peixes coloridos, pássaros... moldurados por uma fina camada de aço inox. Os sofás, cadeiras e poltronas são brancos, todos de couro branco. As mesas e demais móveis são quase todos de vidro fumê bem claro. Dan observava a casa, se lembrou do Iate Clube e do iate de Conde. Seria só sorte? Victoria olhou a noite pelas paredes de vidro. Uma sensação estranha, um súbito desconforto tomou conta da argentina. Era como se alguém a estivesse observando lá de fora. A noite estava tomada pelas sombras dos holofotes e da lua cheia. Ela sentiu um arrepio. (A noite está mesmo sombria). Ela pensou. Conde continua:

-No final do corredor tem uma escada e um elevador que leva ao terceiro pavimento da casa. Lá estão as doze suítes de hóspedes bem grandes, além de outros cômodos, como a minha suíte. Elas são exatamente iguais. Portanto, fiz uma placa com o nome de cada um dos amigos aqui presente e coloquei as placas em cada porta. Assim está bom? Eles foram aos seus aposentos. Em seguida, um brinde, um jantar e uma noite para recordar os bons tempos. Era para isto que eles estavam reunidos.

DAN

Antes de ir à reunião, Dan deu um pulo até à biblioteca. Um cômodo relativamente pequeno para os padrões da casa, uma poltrona que parecia ser confortável quase no centro. Ao lado dela uma pequena mesa redonda com uma xícara de café e um bule vazio. As paredes estavam com suas prateleiras repletas de livros, eles estavam em ordem alfabética por nome dos autores. Dan foi até a letra “D” e encontrou seus livros. Deu de ombros: (Quem se importa?), ele pensou. Então viu o quadro, ele sorriu, no quadro estava a página do jornal com a reportagem da operação “Adote Rachel” com a foto dos “Amigos para sempre”, todos abraçados com Rachel em destaque.

CONDE

Lineu foi o último a chegar para a reunião, forte como um cavalo. Como sempre, ele se atrasava.

-Oi pessoal. Eu gosto de banhos longos. Vocês podiam ter começado sem mim.

-Não se preocupe, Lineu. Sente ao lado de Aline, por favor.

Conde continuou.

-Nós éramos amigos, muito amigos. A vida seguiu, nós tomamos nossos rumos, nos separamos. Eu nunca me esqueci de vocês. Foram os melhores anos da minha vida. Um dia eu pensei, vou construir uma casa linda em minha ilha e seria um sonho se pudesse reencontrá-los lá. Hoje estamos juntos.

Conde se levanta e vai até um armário, retira de dentro do mesmo uma garrafa de champanhe. Onze taças estão em cima da mesa. Por um momento ele pensa. Era um homem solitário, na verdade era um homem infeliz, ele sabia disto. O trabalho fez dele um vencedor, mas afastou o homem de tudo o que era realmente importante na vida. Ele olha para Victória. (Linda!), ele pensa. Ela percebe. Então Conde pega a primeira taça e a oferece a Dan. Conde pensa nele, Dan, um escritor sem leitores. Cinco livros publicados, todos fracassados. Parece que a faculdade de

letras não ajudou muito. Sempre o mais quieto da turma. Um escritor devia ser mais comunicativo, mas como todos os ex-alunos daquela instituição, Dan tinha um pai rico. O pai era um atacadista famoso de Curitiba.

Não precisava se preocupar com dinheiro.

-Meu amigo caladão agora é um escritor.

Quem diria? Sempre o mais equilibrado do grupo.

-Obrigado, Conde. É bom revê-lo. O que vale mesmo é que estou com vocês aqui. Isto não tem preço.

Dan pegou a taça das mãos de Conde. Conde se vira para Bela:

-Bela, a misteriosa, linda como sempre, gerente de marketing de um grande Banco. Alta, quase um metro e oitenta, sempre com um rabo de cavalo em seus cabelos negros. Oliver se lembrou do brilho de alegria nos olhos dela quando o viu.

-Não vá deixar a taça cair no chão, Bela.

Corria um boato na turma sobre ela.

Pervertida. Os homens adoravam aquilo.

-Não se preocupe, Conde. Quando seguro algo, eu pego firme.

Os colegas riram divertidos. A moça das piadas maliciosas estava de volta. A

predadora que não se guiava em regras.

Agora Conde olha para Chico, o bom vivan da turma.

-Chico, quem falou que mineiro fala pouco para não dar bom dia a cavalo?

-Deve ter sido a Tina. Ela não para de falar nunca.

-Pare de falar você, Chico!

Tina mostrou o punho fechado a ele com um sorriso no rosto. Chico era certamente o homem mais rico da turma, tinha várias fazendas. O mais brincalhão de todos e o mais decidido também. Quando queria algo, ele conseguia. Boa gente!

-Chico é fazendeiro, agronegócio. Tome sua taça, Chico amigo.

Ele pega a taça e sorri para Conde.

-Não vai falar nada?

-Você sabe que eu nunca fui de falar muito, Conde.

Tina deu uma gargalhada e disse:

-A melhor piada da noite até agora. Vai ser difícil superar esta, Chico.

Conde continuou. Agora era algo especial:

-Rachel é médica. Uma vencedora. Veio de baixo. Lutou. Você nos honra Rachel. Com você ao nosso lado nós sabemos que não somos apenas um grupo de ricos chatos. A nossa Rachel teve uma visão em sua vida e foi atrás dela. Parabéns, Rachel.

Conde falou de coração. Ele entrega a taça a ela.

-Eu é que fico honrada com seu convite amigo. Meus amigos para sempre.

Conde apreciou as palavras dela, a mulata continuava com um corpo de parar o trânsito, aquilo só podia ser genético.

Agora Conde olha para Oliver. Não era só um grupo de ricos com uma médica vencedora. Ele era o aluno mais inteligente do colégio. Mas parece que a vida não foi muito feliz com ele.

-Oliver, muito mais do que o mais inteligente do grupo. Um amigo leal a toda prova. Ele nos provou isso naquele episódio lamentável. Um caráter acima de qualquer suspeita. É difícil achar um amigo assim, Oliver. De todo o grupo, você sempre será o primeiro para mim. Ainda bem que você chegou, seria um pecado esta reunião sem você.

O grupo ficou em silêncio por alguns segundos. Olhavam para Oliver, todos, menos Ariela.

-Não somos mais adolescentes Oliver, agora somos homens e mulheres. As palavras de Conde são as palavras de todo o grupo. Tina falou a Oliver. Aquilo era um consolo a ele, era como se o grupo desse um recado a Oliver, se Ariela não o quer, tem quem queira e fica feliz com a presença dele. Ele agradeceu com um sorriso e se virou para Conde.

-Obrigado amigo uruguaio, você me emocionou. Será que eles vão achar que somos um casal gay?

Quando falou Oliver tinha um semblante sério. A turma caiu na gargalhada.

Conde teve o cuidado de não tocar no assunto da situação financeira de Oliver. Agora ele se volta para Victoria.

-Como conseguiu, Victoria? A pimentinha ficou mais rica do que já era. Uma dama das joias. Uma cadeia de joalherias de São Paulo a Buenos Aires. Garanto que dentro deste recinto tem muita gente, se não todos, muito feliz com seu sucesso, pimentinha. A amiga de sempre. A estrangeira que deu uma lição nos brasileiros e salvou o futuro de Rachel.

-Uma lição muito bem dada, Conde. Até hoje aquilo foi o melhor ato de minha vida, mas eu só pensava em Rachel e no bem dela. Sobre meus sonhos, ainda não consegui comprar uma ilha como esta, Conde.

-Nem sempre a gente consegue realizar todos os nossos sonhos, Victoria, minha amada. Mas Ariela conseguiu seus sonhos. Tem inclusive tem um barco igual ao meu.

Ariela percebeu a ironia de Conde, era uma referência a Oliver. (Nós dois temos os mesmos barcos, mas não temos as pessoas a quem amamos. Você não tem Victória e eu não tenho Oliver, não é, Conde?), ela pensou.

Ele não entrega a taça a Victoria. Ela nada fala, não tem palavras. Eles sabiam. Ele sempre foi e continua apaixonado por ela. Ele segue em frente.

-Lineu, Delegado de Polícia loiro de Blumenau. Forte como nunca. Amável como sempre. Agora temos um herói entre nós. Um verdadeiro e incorruptível policial no grupo.

-E atrasado como sempre também.

Tina falou. Desta vez todos riram. Ele sempre atrasava a turma mesmo. (Mas ele é lindo, parece o Robert Redford, aquele artista americano, e bom de cama). Bela pensou.

-Obrigado, Conde. É muito bom estar com vocês de novo. Aquele policial de quem você falou ficou em terra, aqui é só o amigo de sempre.

Ele pegou sua taça.

Agora Conde olha para Tina. Ele sorri para ela e se lembra do que leu no jornal.

“A socialite Cristina Araujo, de 30 anos, mais conhecida como Tina, foi encontrada desacordada em seu apartamento em Porto Alegre, nesta quinta-feira, com um frasco de remédio ao lado de seu corpo. De acordo com informações de parentes a hipótese mais provável para a overdose é uma provável tentativa de suicídio.”

Conde diz:

-Tina. A mais espetacular de todos nós, em todos os sentidos.

Todos sorriram com ternura para Tina. Ele deu a taça a ela.

-Obrigado, Tina. Sem você aqui este encontro não ia valer a pena.

Chico gritou:

-Um brinde a Tina.

Todos levantaram a taça.

Ela pegou a taça e desta vez não falou nada.

Estava emocionada por ela e por todos.

Agora era Ariela, mais uma mulher do grupo.

-Como se fala com uma deusa?

Ela fica em silêncio, pega a taça das mãos dele.

-A menina na minha frente sempre foi tão elegante quanto decidida. Conseguiu realizar seu sonho, não foi? A modelo. Não uma modelo, mas a modelo Top. Ela pegou a taça da mão dele.

-Isto aqui sim, parece um sonho, Conde. Rever os amigos da melhor fase de minha vida.

Agora o último homem. Ele era o macho alfa da turma, o bonitão do grupo, o segundo mais rico:

-Alex, um amigo acima de todas as provas.

Alex herdou uma editora do pai e a transformou em uma das maiores organizações do ramo de comunicações do país.

(Alex, a nossa noite no barco foi maravilhosa, não tem jeito, eu sempre vou amá-lo. Foi só o ver no barco que eu entendi isto), Aline pensou.

-Obrigado Conde. Parabéns pela sua casa. Muito sucesso.

Agora ele olha para Aline, (estaria ela ainda apaixonada por Alex?) Conde se perguntou. Diferente de Bela, Aline não era uma predadora sexual. Aline era a moça mais bonita do grupo até Ariela chegar. Namorou Alex por mais de um ano no colégio. Linda!

Olhos verdes água e cabelos claros. Agora não havia mais Ariela entre ela e Alex.

Conde passa a última taça a ela.

-O mais belo par de olhos de todo o colégio, você não mudou nada, Aline. Continua viajando pelo Brasil?

-Aquilo foi só com o grupo, Conde. Agora meus apartamentos estão todos alugados. Eu só fico em Curitiba recebendo os meus aluguéis. Quando recebi seu convite fiquei feliz, Conde.

Ele agora abre seu champanhe, coloca o suficiente para um brinde em sua taça. Passa a garrafa para Ariela, ela repete o gesto dele. Depois passa a garrafa para Tina, a garrafa segue assim por diante. Agora Conde levanta a taça. Todos acompanham o gesto.

-Você esqueceu-se de mim, Conde. Assim não posso brindar com vocês, eu não tenho taça.

-Não esqueci, Victória. Impossível. A minha taça é sua. Vamos nós dois segurá-la e brindarmos juntos. Pelo menos por alguns minutos você estará ao meu lado. Um sonho realizado.

Ela sorri com ternura e fica junto a ele.

-Como disse em meu convite, o que faz nossa história não é nosso passado, mas os amigos que levamos deste mundo. E neste ponto nós somos abençoados, não somos?

-Rachel, venha para o centro, por favor.

A bela mulata foi para o centro da roda de amigos que se formou, ela estava emocionada.

-Hoje é uma data especial. Nós nos encontramos novamente e é um aniversário. Exatamente há quinze anos atrás, nós demos início a operação “Adote Rachel”. Mais um motivo para brindarmos, Rachel é a médica que sempre sonhou ser.
Conde levanta sua taça.
-Amigos para sempre!

Capítulo 6

A ILHA

Era tarde. A festa foi ótima. No salão de dança, eles dançaram os hits dos anos oitenta, dançaram em pares músicas de Liverpool Express, John Lennon, Gilberto Gil, se divertiram dançando freneticamente com Krase de Aero Smith, Led Zepelin... O melhor em música, sem dúvida, para eles eram os anos oitenta.

-Aqui na ilha a gente pode soltar o som sem problemas! Conde gritou para eles.

Depois falaram sobre filmes. Filmes antigos desde "Love Story" até "O Exorcista". Tina disse divertida:

- Oliver, agora já sei quem você me lembrava no colégio. Era aquele ator do filme Love Story, acho que o nome dele era Ryan O'Neal ou algo assim.

-Obrigado pelo "lembrava", Tina. Agora eu lembro quem?

A turma se divertia. Já era tarde quando foram até o terraço em frente ao mar. Victória ficou aliviada, se sentia estranhamente oprimida naquele ambiente aberto e ao mesmo tempo fechado que eram aquelas paredes de vidro. Pura bobagem, ela sabia. Ninguém os observava lá fora, estavam sozinhos na ilha. Uma das piscinas era linda e assustadora. O fundo dela era de vidro, quem

mergulhava podia ver o fim do penhasco e o mar lá embaixo. Aquilo era quase como poder voar. Chico Mineiro decidiu que não entraria naquela piscina nem morto. A outra piscina era mais delicada e tinha o bar molhado. A noite estava fria, mas agradável. A visão do mar e do céu a noite do terraço é realmente espetacular. Chico reparou numa placa em cima da porta que dava no terraço. Lá dizia: “O mar guarda tantos segredos quanto a mente humana. Talvez por isso, olhá-lo nos dê tanta calma.”

[“Andresa Martins Vicentini”](#)

A noite estava limpa. Estrelada. Eles relembrou suas aventuras, sentados em cadeiras junto a mesas que rodeiam a piscina. Apesar da bebida farta, da cerveja gelada, dos vinhos para deleite das moças e de Chico, do uísque de sempre de Conde e Alex servidos com tira gostos de um churrasco improvisado, não houve confusão. Ninguém exagerou na bebida. (Sempre foi assim, não foi?) Lineu, o policial delegado pensou. No meio da noite falaram sobre eles. Cada um em sua vez, nada combinado. A conversa fluiu naturalmente, estavam todos à vontade, mais do que deveriam, era finalmente o álcool fazendo sua festa. Conde fala de seu sucesso como arquiteto:

-É um dom. Eu não sabia, imaginem só! Eu ia ser contador, comecei a faculdade de Ciências Contábeis. Minha sorte. Eu namorei uma

estudante de Arquitetura. Com ela eu conheci a matéria, logo ela ficou para trás e minha atenção toda era para meu verdadeiro amor, a Arquitetura. Alguém disse:

“Ache o que você gosta de fazer e não vai ter que trabalhar nunca!”

Pois é assim mesmo, hoje tenho em meu portfólio de trabalho museus, arranha céus e até mesmo estádios. Mas isto não me fez feliz, falta alguém ao meu lado.

Victória sorriu para ele. Conde olhava para ela quando disse aquilo.

-Foi Albert Einstein quem falou, Conde.

- Quem, Ariela?

-Albert Einstein, o gênio da física, ele disse:

“Ache o que você gosta de fazer e não vai ter que trabalhar nunca!”

-Por isto você ganhou tanto dinheiro como modelo na Europa e nos Estados Unidos. Ser modelo sempre foi seu sonho, Ariela. Você recebe milhões de dólares por ano em seus desfiles e propagandas.

-Meu sonho era ser artista, Conde. Como naquela peça teatral lá no colégio.

Agora é Ariela quem conta sobre a carreira de modelo e sua paixão, Educação Física:

-Foi logo que comecei o terceiro ano do segundo grau, a bomba caiu em meu colo. A notícia chegou. Eu estava grávida com dezoito anos, assim como aconteceu com minha mãe natural. Alex assumiu o filho. Ficamos noivos,

casamos, não deu certo. Não importa, somos amigos.

Ariela suspira, olha para o nada. Continua falando, agora quase divagando em seus pensamentos.

-Perdi a criança, foi no parto, um aborto natural. Logo depois que o segundo grau acabou realizei meu sonho, entrei em uma faculdade de Educação Física em Paris. Um dia alguém me viu, era um fotógrafo profissional. Ele perguntou se eu gostaria de fazer um teste para ser Modelo Fotográfico em uma Agência de Publicidade. Por que não? O resto da história vocês conhecem. Ironicamente, meu interesse por Educação Física praticamente encerrou minha carreira de Modelo. Especializei-me em judô e principalmente ciclismo. Minhas pernas agora estão grossas demais para desfilas, mas foi bom enquanto durou. Recebi convite para trabalhar em filmes, virei a artista que tanto sonhei. Ganhei bastante dinheiro, o suficiente para viver muito bem o resto de minha vida, inclusive mantendo um barco como este. Você sabe Conde, isto não é barato.

Ela nem tocou no nome de Oliver, nenhuma palavra sobre ele ou para ele.

-Aquele filho era um sonho, Ariela. Uma pena.

-Eu sei Alex.

-Você tem razão, Ariela. Continuamos amigos.

Alex fala com orgulho como modernizou a Editora Capela. Enfrentar o pai não foi fácil. Ele relembra seu caso com Ariela, fala com carinho de seu namoro com Aline. Foi curto em sua exposição.

-Eu acho que todos conhecem a história da Modelo Ariela, do meu sucesso como Arquiteto e da maior Editora do país nas mãos de Alex. Mas há personagens aqui que fizeram uma caminhada mais anônima. Quando terminou o ensino médio, Oliver sumiu, simplesmente desapareceu. Agora vai nos contar o que andou fazendo este tempo todo?

Oliver sorriu para Conde:

-Claro, sem problema. Meus pais eram donos do Hotel Normando, lembram-se disto?

-Inesquecível. Aquele Palácio faz com que esta minha casa pareça um barraco.

Oliver continuou:

-Meu sonho era a Física, a ciência do eterno, mas a realidade de meu futuro tinha outro nome, era o Hotel Normando. Então decidi estudar Hotelaria. Minha mãe tinha parentes em Helsinque, simplesmente a cidade com a melhor educação do mundo, na Finlândia, e tudo gratuito. Eu fui estudar lá, então nunca mais vi os amigos aqui reunidos.

Agora ele para. Oliver pensa um pouco antes de continuar falando:

-Quando voltei, eu já sabia tudo de Hotelaria e já sabia também que o Hotel Normando

estava condenado. Tinha virado um enorme elefante branco. Ele só podia dar certo como cassino. Foi construído originalmente para este fim, mas com a proibição dos jogos de azar no Brasil ele ficou inviável. Os investimentos pararam. O valor dos apartamentos no Hotel, que foram adquiridos na esperança de uma procura enorme de pessoas interessadas em alugá-los quando estivessem gastando seu dinheiro no cassino, despencaram. O hotel ficou vazio. Um custo de manutenção enorme, gigantesco, para um Hotel apenas para hóspedes como qualquer outro.

Oliver olha para o mar, pensativo.

-O hotel começou a desabar sob o peso de seus custos. Meu pai já tinha falecido.

Oficialmente eu, meu irmão Rony como filhos e Ariela, ela por testamento, éramos os proprietários do Hotel. Não éramos mais futuros herdeiros, éramos proprietários de algo que começava a afundar como o Titanic.

Neste momento Oliver olha rapidamente para Ariela. Ela está com os olhos atentos, alertas, olhando fixamente para ele como não olhou durante toda a viagem. Ariela não desviou seus olhos. Depois, ele se volta para o grupo.

- Uma dívida cada vez maior. Fiscal e trabalhista explosiva. Eu e meu irmão solicitamos ao nosso advogado que retirasse Ariela daquela herança terrível, aquela futura massa falida. Não foi difícil, afinal ela não era

filha legítima. Bastava rasgar o testamento de meu pai. Como era certo, o Hotel Normando faliu. Agora ele está abandonado, a venda para minimizar a dívida. Mas quem quer comprar um elefante branco? Hoje eu e Rony não podemos ter nada em nosso nome. Eu trabalho como gerente de um Hotel três estrelas aqui no Rio. Conde me achou lá, foi quando me convidou para conhecer sua ilha. Meu irmão gêmeo sumiu, não sei por onde anda. É isto. Sem dramas. Terminando, eu quero dizer que estou vivo, pronto para a luta.

Ariela estava atordoada. (Eles me livraram das dívidas, por isto me tiraram do testamento, por isso não me deixaram herdar o Hotel), ela pensava abalada com a revelação. Tina olha para ela e lembra-se da conversa delas no barco:

“Por determinação dos dois irmãos eu estava fora do testamento. Aquilo me magoou de vez, não pelo dinheiro ou patrimônio, mas pela atitude tão abertamente hostil. ”

Tina quer falar a Ariela que ele está lá por ela, mas ainda não é a hora. Um pensamento passou atrevido e breve pela mente de Conde. Ele se lembrou da campanha “Adote Rachel “. A dívida podia não ser tão grande. Seria hora de os amigos tão ricos ajudarem mais um companheiro involuntariamente derrotado do

grupo novamente, como já fizeram antes e fundaram o grupo “Amigos para sempre” com Rachel?

-Qual é o tamanho da dívida, Oliver?

Conde perguntou sem cerimônia, Oliver pensou na pergunta de Conde.

-Impagável, Conde.

Ninguém do grupo falou nada. Ariela estava petrificada, se sentia arrasada. Um silêncio que deixou Oliver constrangido tomou conta do ambiente. Conde sentiu uma súbita vontade de mudar de assunto.

-E o joelho, Oliver?

Conde se lembrou do “Joelho de vidro”.

-Eu não jogo mais futebol, Conde.

Ariela não prestou atenção na resposta de Oliver a Conde. Ela só tinha uma frase em sua mente:

“Quando voltei eu já sabia tudo de Hotelaria e já sabia também que o Hotel Normando estava condenado”

A frase martelava a cabeça dela. Ariela não sabia daquilo. Depois daquele dia, em que não entrou no testamento, ela resolveu desaparecer, nunca mais entrou em contato com eles. Seguiu sua carreira de modelo na França e magoada abandonou a família que a criou. (Então foi isto, eles me pouparam. Se meu nome estivesse naquela herança, como era o desejo de meus pais de criação, eu

estaria endividada como eles, sem futuro como os dois), ela pensou. Aquilo foi um ato de amor para com ela. Ariela sentiu vergonha. (Bastava uma conversa franca e tudo estaria esclarecido. Mas eu banquei a idiota como sempre e sumi da vida deles. Fiz tudo errado novamente, como uma roda do destino que eu insisto em girar para me afastar de Oliver, o homem a quem eu amo). Agora descobre que eles estavam precisando do apoio dela mais do que nunca. Ela mal conseguiu disfarçar sua tristeza e vergonha. (Eles cuidaram de mim quando criança, eu era a filha da empregada e amaram-me como se eu fosse parte da família, sempre me protegendo, cuidando de mim como se eu fosse do sangue deles, depois salvaram o meu futuro quando me tiraram do testamento. Agora eu sou vitoriosa, ele está derrotado. Rony desapareceu. Quando eles precisaram de mim eu me ausentei por completo. Oliver precisava de mim e eu dei as costas para ele), A mágoa dá lugar ao remorso. (Agora, quando nos encontramos anos depois, eu o trato friamente e falo de barcos...). Ela sabe, admite para si mesma. Aquilo foi um erro, Alex foi um erro. Não havia confusão de sentimentos. Era Oliver o homem de sua vida. Sempre foi Oliver. Sempre será. (Perdoe-me Oliver, eu fui embora sem avisar. Você me procurou e não te recebi, agora sei por que. Era só orgulho) Ficou muda, sem palavras.

Lineu, o loiro atlético mais alto do grupo fala sobre sua paixão. Ser Delegado de Polícia. Sabia que ia ser um advogado medíocre. Como delegado, ganhava o suficiente para ter uma vida digna, além disso, era herdeiro de uma grande fortuna cuidada pelos irmãos. Solteiro como todo o grupo. Conde agora olha para Aline. Ela é judia, se formou em Ecologia, tinha renda em aluguéis e morava em uma cobertura em Curitiba.

-Aline sempre foi o coração mole da turma, não é Lineu? Você se lembra daquele cara esquisito que vivia te rondando, Aline?

-Lembro. Como esquecer, não é Rachel? Rachel sorriu para Aline.

-O Cara de bebê.

Aline olhou para Conde, estava curiosa.

-Você vendeu sua guitarra para ele...

-Coitadinho. Esquisito e estava apaixonado. Ficava me olhando de longe, chupando com sua boca uma mexa de seu cabelo comprido. Era um hábito horroroso aquele. Ele estava sempre perto de mim, mas não chegava nunca. Ficou só um semestre, mas no quarto mês, depois daquele episódio, parece que ele desistiu de me seguir de longe. Foi embora do colégio.

“Você é o que? Alguma porra de tarado?”

A turma toda riu com Conde imitando Lineu, ele continuou:

-O cara esquisito não falou nada. Ficou olhando para baixo. Lineu deu um carão nele.

Já parecia um policial naquela época. Depois foi a vez de Alex. Bom, depois deu aquele rolo todo. Éramos um grupo unido. Você era da nossa turma, ninguém mexe com nosso “grupo”.

-Ficamos muito mais unidos depois. No fim foi tudo lindo, menos para ele, Cara de bebê...
Aline falou.

-E menos para Oliver também.

Ariela finalmente falou o nome dele. Por um momento o clima fica tenso. Aline pergunta:

-Por que lembrar isto agora, Conde?

Conde pensou em como responder, então decidiu.

-Não é para isto que estamos aqui, Aline?

-Não me lembro do nome dele!

-Franco. Este é o nome dele, Aline.

Victoria relata orgulhosa como venceu no ramo de jóias. Agradece a Aline pelos amigos judeus e libaneses que conheceu através dela. Aquilo foi fundamental em sua carreira e o sucesso de suas lojas. Tanto em São Paulo como em Buenos Aires.

Rachel agora é médica, ela sim era uma vencedora. A baiana conta sobre sua infância na Favela do Português, de como lutou contra todas as dificuldades possíveis. Venceu. Ela agradeceu emocionada aos amigos quando lembrou a operação “Adote Rachel”.

-Não teria conseguido sem vocês! Quem disse que vocês são só um bando de herdeiros ricos chatos? Vocês são meus amigos para sempre.

Chico fala sobre o crescimento do agronegócio que o deixou mais rico ainda, poderoso e barrigudo.

Dan fala sobre seus livros. Não revela sua mágoa com Alex, o Editor. (Ele nunca me ajudou. Reprovou meu livro. Não éramos tão amigos para sempre assim, no fim).

Tina tentou carreira artística, mas só conseguiu algum sucesso como DJ de uma discoteca que montou. Confessa que nunca se dedicou muito ao trabalho. Queria mesmo viver a vida. Em sua vez, Bela se levanta de sua cadeira e para surpresa de todos começa a bailar uma dança sensual. Victória deu uma gargalhada divertida com a atitude da amiga paraguaia. Então, enquanto dançava, ela contava sobre sua carreira no Marketing e como teve que vencer o assédio sexual enquanto rebojava seu belo traseiro debochada para delírio e diversão de todos. Bela continuava um mulherão, a espirituosa de sempre. Quando a dança da colega acabou Victória reparou algo. O vento começou a cantar forte sua melodia, um uivo que sempre a assustou. O céu não estava mais estrelado. Estava escuro e coberto por nuvens, mas não havia nem uma brisa onde eles estavam, mesmo ali, no terraço, ao ar livre.

Conde percebeu a curiosidade de Victória.

-O vento canta forte, não é Victória? Mas onde ele está? Aqui não passa nem uma leve brisa.

Explico: Nós estamos no terraço da piscina. O

terraço é dentro do arco, protegido pelo lado côncavo da casa, mesmo ao ar livre. Por outro lado, a ventania quando encontra a frente convexa da casa aumenta sua velocidade, o som fica mais forte. Eu quis assim, me dá uma sensação de aconchego.

-Conde, eu tenho uma pergunta. É pessoal, se não quiser não responda.

-O que é Victoria?

-Todos nós aqui temos algo em comum, não temos família, filhos, maridos, esposas. Para que então esta ilha, amigo? Qual criança vai nadar divertida em sua piscina?

Conde olhou para a argentina com ternura, ela sempre foi a mais direta do grupo e ela tinha razão. Não só ele, Conde, mas todo o grupo de amigos, eles eram solitários por natureza, voltados para seu trabalho. Sem tempo e desejo pela vida privada.

-Só esta primeira noite aqui com você já valeu tudo que eu paguei por esta ilha, Victoria.

Victoria ficou feliz, não só por ela e por Conde, mas também por Alex e Aline juntos novamente, Tina e Chico juntos novamente, Bela e Lineu juntos novamente, mas ela sentiu de novo. Um momento sombrio. A voz de Conde parecia um lamento. Havia algo de soturno na cena. Ela sentiu vontade de abraçar Conde. Por que não? Victoria se abraçou a ele. Bela estava deitada com a cabeça no colo de Lineu, olhando para o céu. O resto do grupo conversava animadamente.

Ninguém prestou atenção no abraço de Victória. Mas Ariela viu o gesto, pensou em Oliver. Ela continuava afastada dele, agora por vergonha. Queria abraçar ele assim, daquele jeito, agora mesmo. Então ela decide, ela se levanta, deixa o grupo com sua conversa animada e caminha na direção de Oliver. Eles percebem. Ele está só, de costas para ela, olhando o mar, não a vê chegando. Todos se calam. Conde fica alerta. Quando Ariela chega nele, ela tem os olhos aguados. Não vacila nem por um segundo, se senta em seu colo e chora nos ombros dele. Ainda estava abalada e sem rumo pela revelação sobre o testamento. Os dois se abraçam. Todo o grupo observa os dois. Ninguém fala nada. (Conde foi muito feliz quando o convidou, só faltava isso para a noite ser realmente especial. Oliver e Ariela juntos novamente), Aline pensa.

-Ariela...

Abraçado a ela, Oliver não tem mais palavras. Ariela olha para ele chorando e diz com um sorriso infantil enquanto limpa as lágrimas de seus olhos com as mãos.

-Cala boca, Oliver.

CONDE

O dia já estava clareando quando todos foram dormir. Amanhã promete. Victoria pensou.

Aline pensava em Alex. Ela adorava praias. Victória pensava em Conde. Ela se sentiu bem ao lado dele.

Na manhã do dia seguinte eram onze horas, todos já haviam acordado e se servido do café da manhã improvisado na cozinha por eles. Já sabiam que mais tarde cada um tinha que se virar e fazer seu almoço. Tinha muita comida congelada e seis micro-ondas na enorme cozinha, além de fogão e churrasqueira. Agora todos estavam na mais bela praia da pequena ilha particular de Conde. Todos menos Conde. Ele estava morto em sua cama.